



Guerra e religião no mundo medieval e escandinavo

Monicy Araújo Silva - UFPB - (monicy_2007@hotmail.com)

RESUMO

Das ditas sociedades mais “primitivas” até as mais “civilizadas”, a guerra e a religião são traços culturais que constituem cada uma delas. Cada uma tem um jeito próprio de manifestar suas crenças, proferir encantamentos, buscar proteção divina para os mais diversos âmbitos da vida, que podemos considerar partes constituintes da religião, e um jeito próprio de se lançar em incursões guerreiras. Tendo a História das religiões como proposta metodológica e os conceitos de guerra, religião e religiosidade, este artigo se propõe a fazer um breve panorama sobre a intersecção desses aspectos no mundo medieval (europeu) e no mundo escandinavo.

Palavras-chave: Guerra. Religião. Cultura..

1 GUERRA NO MUNDO MEDIEVAL E ESCANDINAVO

Sendo um fenômeno universal, a guerra é quase tão antiga quanto o próprio homem (KEEGAN, 2006, p. 18), e sempre fez parte das sociedades, seja para sobrevivência, seja para expansão ou delimitação das fronteiras, seja por razões políticas e/ou econômicas. Sendo, em algumas, decisiva para os rumos de várias delas. O dito período historiográfico denominado de Idade Média se ‘inicia’ com guerras, com as ditas ‘invasões bárbaras’. Sobre a importância das guerras no mundo, Keegan nos diz que:

A história escrita do mundo é, em larga medida, uma história de guerras, porque os Estados em que vivemos nasceram de conquistas, guerras civis ou lutas pela independência. Ademais, os grandes estadistas da história escrita foram, em geral, homens de violência pois, ainda que não fossem guerreiros- e muitos o foram-, compreendiam o uso da violência e não hesitavam em colocá-la em prática para seus fins (KEEGAN, 2006, p. 492).

A religião se entrelaça com a guerra e com questões políticas desde os tempos mais antigos. Podemos exemplificar os gregos, que faziam consultas aos oráculos sobre o futuro pessoal e sobre o destino de suas guerras também. A religiosidade, nesse sentido, é parte constituinte e muitas vezes fundamental para as sociedades e em algumas, pode até direcionar ações no âmbito político. Somos animais culturais e é a riqueza de nossa cultura que nos permite aceitar nossa indiscutível potencialidade para a violência, mas também acreditar que sua expressão é uma aberração cultural (KEEGAN, 2006, p. 18). A violência e o sagrado são inseparáveis, as condutas religiosas e morais têm em vista a não violência de uma forma imediata na vida cotidiana e, muitas vezes, de forma imediata na vida ritual, paradoxalmente por intermédio da própria violência (GIRARD, 1988:19, 32-33. Apud. LANGER, p.112).



A guerra foi um fator dinâmico crucial nos desenvolvimentos econômicos, sociais e políticos na Idade Média. Durante toda a Idade Média, a sociedade secular estava organizada para as necessidades da guerra (LOYN, 1997, p. 176). Ainda sobre a Igreja medieval, no que diz respeito às guerras, Loyn nos diz que:

A Igreja medieval procurou constantemente limitar e controlar os conflitos. Os governantes leigos cristãos eram tradicionalmente os protetores e avalistas da isenção eclesiástica dos efeitos da guerra, mas no começo da Idade Média, a Igreja sofreu em consequência de invasões e do colapso da autoridade política em muitas regiões (LOYN, 1997, p. 176).

As religiões em sua maioria são violentas, principalmente no que se refere à questão de se “assentarem” em novos territórios ou se sobreporem a outras crenças. Utilizaram a violência, em alguns locais, para imporem seus dogmas e impedir a propagação de opositores. Podemos citar, como exemplo, duas das três grandes religiões monoteístas: o Cristianismo e o Islamismo. O cristianismo perseguiu e matou em nome da fé: pagãos, protestantes, hereges, sodomitas, cristãos novos e muçulmanos, a estes últimos, praticaram a “guerra justa”¹. O islamismo também matou em nome da fé. O islã é amplamente considerado uma religião de conquista e um de seus princípios mais conhecidos é o da obrigação de fazer a guerra santa (*jihad*) contra os infiéis (KEEGAN, 2006, p. 495). Maomé, ao contrário de Cristo, era um homem da violência: carregava armas, foi ferido em batalha e pregava a guerra santa, *jihad*, contra aqueles que desafiassem a vontade de Deus, tal como revelada a ele (KEEGAN, 2006, p. 58). As guerras travadas entre essas duas religiões, em parte do período medieval, foram denominadas de Cruzadas². A expressão “Cruzada” quando surgiu, deriva do fato de seus participantes considerarem-se “soldados de Cristo”, “marcados pelo sinal da cruz”, e por isso bordarem uma cruz na sua roupa (FRANCO JR. 1989, p. 7).

As cruzadas foram um movimento no qual, se usou a “bandeira da fé” para se alcançar diversos fins, inclusive religiosos. Foram, nesse sentido, expedições militares empreendidas contra os inimigos da Cristandade e por isso legitimadas pela Igreja, que concedia aos seus participantes privilégios espirituais e materiais (FRANCO JR., 1989, p. 7-8). As motivações, como um todo, ainda são de certa forma, obscuras. Certamente não houve uma única razão,

¹ A teoria da “guerra justa” desenvolvida pelos canonistas, estabeleceu que a guerra deveria ser sustentada por leigos em prol de uma causa justa e necessária que não pudesse ser vitoriosa por outros meios. Tais conceitos foram ganhando gradualmente terreno, em detrimento dos primitivos costumes feudais que permitiam a qualquer cavaleiro deflagrar a guerra a seu bel-prazer (LOYN, 1997, p. 176-177).

² Esta palavra como outras do vocabulário do historiador, não era conhecida no momento histórico para o qual a empregamos. De fato, o termo aparece, e de forma muito esporádica, apenas em meados do século XIII, quando aquele fenômeno histórico já perdia força (FRANCO JR., 1989, p. 7.).



mas várias motivações diferentes desde interesses políticos e econômicos até uma fé sincera, mas desmedida, podendo ter levado ao fanatismo religioso.

A guerra entre os escandinavos foi bastante importante em vários aspectos para aquela sociedade. A guerra é ao mesmo tempo um lugar de afirmações identitárias e um espaço de práticas necessárias para o fortalecimento do poder real (MIRANDA, 2014). Os escandinavos da Era Viking precisavam da guerra ela era um dos principais traços da cultura desse povo. Na Era Viking não havia uma divisão clara entre guerra e religião. O ritual e o mundo sobrenatural - a “religião”, em certo sentido - era tão importante para o combate das lutas quanto à afiação das espadas (PRICE, 2002, p. 26-27). Ainda sobre esse entrelace, Price nos diz que:

Não devemos ver isso apenas no sentido excessivamente familiar de uma “cultura guerreira” dominada pelos homens, mas de uma maneira muito mais profunda, infiltrando-se no tecido diário da existência de uma forma que implicava todos os membros da comunidade, menos sexo ou gênero (PRICE, 2002, p. 26-27).

Nesse sentido, o esforço na guerra, entre os escandinavos está atrelado à sua forma de religiosidade, pois entre os Vikings não existia a noção do “nada” após a morte³, para eles a morte não era jamais um termo absoluto nem mesmo de ruptura radical, era considerada uma simples mudança de estado (LANGER, 2015, p. 26). Como exemplo, os guerreiros mortos com honra nos combates seriam levados pelas Valquírias (o termo deriva-se do original nórdico *valkyrja* (pl. *valkyrjar*), que significa “aquela que escolhe os mortos”) ao Valhalla, nesse sentido, essa ida poderia ser vista também como uma “recompensa”. E ainda, observando vestígios da feitiçaria praticada pelos antigos noruegueses, (seu significado, função, prática e praticantes) temos uma noção de um "empoderamento sobrenatural da violência", no que tange a maneira como a preparação física da guerra foi apoiada por uma estrutura de rituais destinados a produzir sucesso na batalha (PRICE, 2002).

2 RELIGIÃO E/OU RELIGIOSIDADE NO MUNDO MEDIEVAL E ESCANDINAVO

A religiosidade, a fé característica da humanidade, está na raiz seja das religiões institucionalizadas, seja de todo movimento humano em prol de algo pelo que se luta, com crença profunda (uma religião, uma causa, uma crença). As manifestações religiosas são, pois, tão múltiplas e variadas como é diverso o ser humano, em suas inúmeras culturas, do presente e do passado (FUNARI, 2016, p. 8). O enterramento dos mortos marca, de forma clara e

³ Basicamente as concepções de vida após a morte são divididas em torno de dois grandes espaços: os que morrem em batalha, indo para o palácio do Vallhöl juntar-se às valquírias e ao deus Odin; de outro lado, os que morrem de doenças, velhice ou acidentes e vão para os subterrâneos do reino de Hel (LANGER, 2009, p.136).



definitiva, a crença nos espíritos dos antepassados. A humanidade, nesse sentido, pode ser definida como aquela parte do reino animal que se caracteriza pela religiosidade (FUNARI, 2016, p. 7).

No medievo, os pensamentos, as horas e todos os aspectos da vida daquela sociedade estavam permeados por aspectos religiosos. A Igreja era responsável por determinar até o destino de cada pessoa, não dando uma segunda opção. Delimitava, ainda, os pecados e as penitências que seriam aplicadas. Assim, numa sociedade religiosa como a feudal, pensar diferentemente da Igreja era cometer ao mesmo tempo um pecado e um crime, era se expor a punições espirituais e corporais (FRANCO JR., 1989 p. 22). Em suma, a religiosidade medieval via sinais divinos em tudo e interpretava as vontades de Deus a partir de cada acontecimento.

O termo ‘religião’ está circunscrito num espaço e tempo. As definições são feitas a partir de um contexto (HANEGRRAFF, 1999). Contexto esse que deve ser histórico, espacial e temporal, mas ainda assim, nenhuma definição capta o fenômeno religioso e toda a sua complexidade (HOCK, 2010, p. 17-30). A dicotomia sagrado X profano está ligada somente às religiões monoteístas, que tratam os aspectos desviantes de suas doutrinas e dogmas como tal. A Igreja Católica molda o que se pensa sobre religião, tornando o cristianismo como sinônimo de religião e a colocando num patamar inalcançável, entretanto, a partir do iluminismo, a religião pôde se tornar objeto de estudo, foi retirada a sua “aura” de objeto inalcançável (HOCK, 2010; FILORAMO & PRANDI, 1999). A religião pôde ser vista como um empreendimento humano.

Entre os Vikings não existia um termo definido para religião, ocorriam práticas religiosas e não uma única religião (BOYER Apud LANGER, 2015, p. 357). A religião nórdica pré-cristã não era centralizada, não possuía hierarquias ou sacerdócio profissional, sendo por isso mesmo, muito variável em termos de cultos e crenças, conforme a região, a categoria social e o gênero do praticante (LANGER, 2009). A religião nórdica durante a Escandinávia Viking não tinha templos, dogmas, sacerdotes especializados, orações, meditações, reduzindo-se a cultos e tendo a magia como essência (BOYER Apud LANGER, 2005, p. 56). Assim,

ao contrário do cristianismo, no paganismo escandinavo não existia uma teologia sistematizada, sem conceitos absolutos de bem e mal, com ideias vagas e conflituosas sobre a vida após a morte. Aquele não concedia muito espaço para a espiritualidade individual, mas primeiramente realizava observações corretas dos rituais, sacrifícios e festivais (LANGER, 2005, p. 56).



A magia escandinava foi a arte de fornecer o poder que assombra e interfere em nosso mundo. Seria ainda o sentimento da presença constante do sobrenatural, presidindo a todas as manifestações da existência (Boyer, 1987:41 Apud LANGER, 2005, p. 65). Era tanto praticada por homens quanto mulheres, com uma nítida especialização feminina. Geralmente, os especialistas em magia eram pessoas à margem da sociedade: o xamã, o guerreiro *berserker*, as praticantes de *seiðr* (canto), todos representam figuras marginais, associados com poderes sagrados, existindo como párias (DUBOIS 1999: 54 Apud LANGER, 2005, p.66).

A religiosidade praticada possuía, em alguns aspectos, características xamânicas, que operava principalmente na tentativa de obter conhecimento nos mundos sobrenaturais, para descobrir o segredo dos mortos para os vivos. De certa maneira, esta característica estava relacionada à guerra no que se refere ao transe dos *berserker* durante as batalhas. A antiga religiosidade nórdica não era um sistema de fé isolado, mas recebia influências externas, devido a casamentos interculturais, viagens a longas distâncias, migrações e etc. (DUBOIS 1999:42 Apud LANGER, 2005, p.57). Era uma religiosidade baseada mais no culto do que no dogmático ou metafísico, tendo sua estrutura em atos, gestos e ritos significativos, girando em torno do sacrifício (LANGER, 2009, p. 133). A relação entre os escandinavos e os deuses era uma relação “contratual” que consistia basicamente em uma relação “dou para que me dê”. O escandinavo escolhia um *fulltrúi* (protetor), com quem mantinha relações de tipo muito pouco comum, o chamava de seu amigo querido (*kaeri vinr*) e até levava um amuleto com sua imagem (LANGER, 2015a, p. 358). O escandinavo não era muito religioso fora das grandes celebrações de solstícios, e somente invocava o seu deus particular em momentos de necessidade.

A ‘religião’ para nós evoca algo ortodoxo, um credo, com regras de comportamento mais ou menos rígidas que geralmente incorporam conceitos de obediência e adoração. Em maior ou menor grau, todas as crenças mundiais do nosso tempo se enquadram nesta categoria. Na Escandinávia antes da vinda do cristianismo, no entanto, ninguém teria entendido esse conceito (PRICE, 2002, p. 26).

As pessoas que chamamos de vikings pertenciam a uma cultura "que tinham, entre outras coisas, um sentido mais frouxo do que o islamismo ou o cristianismo das fronteiras entre o nosso mundo e o próximo, bem como aqueles entre o mundo humano e o mundo das bestas" (Hochschild 1998: 74). A conversão na Escandinávia foi um choque de percepções tanto quanto as ideologias (PRICE, 2002, p. 26).



O que entendemos por religião era outra dimensão do indivíduo, inexplicavelmente ligada a todos os outros aspectos da existência (PRICE, 2002, p. 26).

3 DELIMITANDO CONCEITOS SOB A ÓTICA DAS CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES

As Ciências das Religiões vê a religião como um produto humano e não como uma revelação divina. Não há uma essência da religião; ninguém sabe direito o que ela é (DIX, 2007, p. 5). Ela dedica-se de maneira não normativa ao estudo histórico e sistemático de religiões concretas⁴ em suas múltiplas dimensões, manifestações e contextos socioculturais (USARSKI, 2013, p. 51). Nesse sentido, só podem ser objeto da investigação empírica, as religiões históricas ou os aspectos humanos das religiões em seu concreto devir histórico (FILORAMO & PRANDI, 1999, p. 13). Os seres humanos sempre e necessariamente produzem religiões, por assim dizer, o que vale tanto para o “homem das cavernas” como para o nosso “homem moderno” (CRUZ, 2013, p. 47). Até mesmo o ateísmo pressupõe dar crédito a “existência” de uma crença em seres sobrenaturais, para se tornar plausível. Em outras palavras, a não crença pressupõe a existência de uma crença em algo. Não pode haver uma definição universal de religião, ela seria um fenômeno trás-histórico e transcultural (ASAD, 2010, p. 264).

Os termos “religião” e “religioso” são totalmente estranhos à linguagem das culturas antigas (PRANDI, 1999, p. 254). A cultura pré-cristã não possuía o conceito tradicional de religião, fé, adoração ou oração, sendo uma religiosidade empírica e sem dogmas. A partir do século XIX a religiosidade nórdica antiga seria a “fé dos ases” ou “religião dos ases”, denominado posteriormente de *Asatru* que seria uma doutrina originada dos germanos antigos, cujo sistema religioso foi preservado pela *Edda Poética* e *Edda em Prosa*, e a fé e os costumes religiosos comuns a todos os povos escandinavos e preservados nos manuscritos islandeses da Idade Média Central (LANGER, 2016b, p.120). Essa religiosidade teria sido caracterizada por uma falta de unidade e um complexo dinamismo. A religiosidade nórdica antiga deve ser entendida como um sistema complexo, repleto de tradições orais, míticas, mágicas e imaginárias, que vão muito além do ritual, mesmo fazendo parte de um sistema não centralizado, dogmático e institucional (LANGER, 2016b, p.134). Na religiosidade nórdica, a

⁴ Alude ao fato de que a CR encontra seus objetos no mundo empírico. Trata-se de uma consequência do axioma de que religiões representam sistemas simbólicos elaborados em relação a uma “realidade culturalmente postulada não falsificável” [...] (USARSKI, 2013, p. 51).



vida cotidiana e a paisagem estão conectadas, nesse sentido o ambiente estaria repleto de interpretações culturais.

Dentre as disciplinas ou as que têm seus métodos utilizados pela Ciências das Religiões, a História das Religiões, oferece uma ótica melhor de análise do entrelace entre guerra e religião. Max Müller teria empregado o termo pela primeira vez em 1867. O núcleo da disciplina seriam as religiões (TORRES- LONDOÑO, 2013, p. 217). Esta disciplina tem particularidades e especificidades não observadas em outras áreas da história, mesmo que de interseção. Tal particularidade está no uso de instrumentos analíticos para abordar o objeto “religião” fortemente modelados pelas características do objeto em si e não pela tradição da disciplina história ou do saber histórico (TORRES- LONDOÑO, 2013, p. 218). Para Pettazzoni, a disciplina faz o estudo das religiões inseridas na história, nesse sentido não existe “a” religião, seria uma formulação abstrata, já que as religiões se desenvolvem em situações históricas dadas. Vê ainda o método comparativo como grande instrumento, entendendo que as religiões devem ser estudadas nas suas origens, nas suas permanências e mudanças para que, comparativamente, se estabeleçam os aspectos gerais que estão presentes nelas como suas particularidades (TORRES- LONDOÑO, 2013, p. 221-222). Além do método comparativo, o método histórico também é outro caminho para o estudo da religião dentro da História das Religiões. Acerca desse método, Albuquerque nos diz que esse método:

se limita a classificar os fatos, a interpretar o melhor possível os documentos, em seguida a apurar prudentemente algumas conclusões gerais [...] mas sem tentar preencher lacunas, nem constituir quadros de conjuntos, nem completar por analogia, ou sequer por fantasia, as descrições fragmentárias, a ideia longínqua que temos das religiões antigas (ALBUQUERQUE, 2007, p. 26).

Para a História das Religiões, a religião é um dispositivo de representação cultural, e religião e crenças religiosas só podem ser definidas em determinados contextos espaciais e temporais (SILVA, 2011, p. 227). A religião e a religiosidade são produtos culturais de uma determinada época e região. (PETERS 2015, p. 87-104). Assim, a identidade religiosa estabelece parâmetros culturais que influenciam as práticas cotidianas, os lugares, as relações, as posições hierárquicas, as atitudes e as representações (SILVA, 2011). A religiosidade nórdica será vista como parte cultural dessa sociedade, que em algumas regiões da Escandinávia havia mudanças no culto a determinadas divindades. Será vista como um dispositivo de representação cultural, como produtos culturais, observando local e momento



em que foi praticada levando em consideração que religião e crenças religiosas só podem ser definidas em determinados contextos espaciais e temporais (SILVA, 2011).

As antigas práticas nórdicas foram tratadas como algum tipo de semirreligião: ela não se adequaria à categoria universal das grandes religiões históricas, reveladas e supostamente uniformes. (NORDBER Apud Langer, 2016, p.123). Ainda segundo Nordber, a religiosidade nórdica sobreviveu após a cristianização pelo folclore e sua base tradicional teria provindo essencialmente do pangermanismo. As crenças religiosas, mitos e religiões são definidos dentro de universos históricos, culturais e sociais específicos, nesse sentido, este artigo vê as práticas religiosas dos escandinavos dentro do seu contexto histórico buscando perceber e compreender de que maneira essas práticas estavam ligadas à guerra. Não se trataria de estudar a religião, mas religião (ões) como produtos culturais e, de um ponto de vista metodológico, trabalhar com análises do ponto de vista histórico.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Junto à capacidade de produzir e transmitir cultura, a experiência religiosa é a marca mais distintiva da humanidade [...] (FUNARI, 2016, p.7).

Não há evidências, contudo, de que qualquer outro animal seja movido por preocupações religiosas, como o ser humano é desde os seus primórdios. Os mais antigos registros da humanidade, de dezenas de milhares de anos, retratam a religiosidade, esse sentimento íntimo dos primitivos seres humanos (FUNARI, 2016, p. 7).

A religiosidade deve ser sempre pensada como um sistema simbólico extremamente dinâmico, produto constante de hibridismos e resignificações culturais, de preservação ou inovação de elementos autóctones e estrangeiros (LANGER, 2015b, p. 26). Não há possibilidade de separar a religião de um contexto cultural e nesse mesmo sentido a guerra. Cada sociedade tem seus próprios sistemas religiosos e maneira de praticar suas incursões bélicas. Toda religião seria um produto histórico, culturalmente condicionado pelo contexto e capaz de condicionar o próprio contexto, levando em consideração que as formas religiosas (símbolos, crenças, práticas, hierarquias, organizações) não são formas essenciais e exclusivas, mas sim criações humanas que assumem diferentes sentidos ao longo de um recorte temporal, considerando a sua historicidade (BELLOTTI, 2011, p. 29).

A religiosidade é parte constituinte e muitas vezes fundamental para as sociedades, em algumas, ela até direciona ações no âmbito político. Para a Antropologia



Cultural, a religião seria uma crença no sobrenatural, mas atuando como uma força coercitiva de uma sociedade. Um fato comum a todas as religiões é que ela nunca é estática. Trata-se de identificar a maneira pela qual, em diferentes tempos e lugares, um determinado fenômeno religioso é construído, pensado, lido e faz parte da dinâmica cultural de cada sociedade.

A partir de um olhar histórico (amparado na História das religiões), observamos aqui a guerra e a religião como expressões, parte da cultura de cada sociedade e, nesse sentido, cada uma é praticada de uma maneira específica de acordo com seus praticantes. Por serem específicas, na forma, nos ritos e cultos, a cada sociedade, o entrelace entre guerra e religião se dá de forma diferente em cada uma. Em algumas, o segundo influencia nas razões, motivações ou no início da guerra, podendo ainda influenciar nos ritos antes e após as batalhas. Em outras, a religião interfere nos ritos feitos antes e após as guerras. Como exemplo, os escandinavos acreditavam que o ato de receber um presente de um deus era muito importante e simbólico. Odin dava armas aos seus seguidores escolhidos, e uma vez as tendo recebido, eles se comprometiam com ele, prometendo-lhe seus leais serviços até a morte e além dela (DAVIDSON, 2004, p.40). Acreditavam ainda que espadas, escudos, capacetes e anéis podiam ser abençoados pelas divindades pagãs. Ainda como exemplo da relação entre a religião e os ritos feitos após as guerras são as cremações. Entre os seguidores de Odin, a queima dos mortos era muito importante. Eles acreditavam que todos os objetos queimados na pira com seus donos seguiam com eles até Valhala (DAVIDSON, 2004, p.43). Por isso a importância de colocar espadas junto com o morto para que ele tivesse com o que lutar ao lado de Odin no Ragnarök.

Este entrelace entre guerra e religião, nos estudos de Ciências das Religiões, traz grandes contribuições, ao sairmos do eixo de pesquisas que observam apenas as doutrinas, dogmas, aspectos, ritos, cultos e etc. das religiões ou as influências religiosas no âmbito social. Nesse sentido, buscamos atentar para a influência das religiões em outros âmbitos de cada sociedade. Observando uma nova face do aspecto religioso nessa sociedade, onde a religiosidade se entrelaça ou influencia de alguma forma ‘no jeito’ de guerrear dos Vikings, interferindo nas batalhas a partir de ritos, práticas e objetos. Ritos e práticas contidas não só nas sagas, mas em vestígios materiais arqueológicos. Nesse sentido, o ímpeto pela guerra, a falta de medo observada por cronistas tem de algum modo influência da religiosidade levando em consideração a já explicitada “recompensa” e a espera pelo Ragnarök (consumação dos poderes supremos) no qual os guerreiros mortos em combate, levados para o Valhalla lutariam ao lado dos deuses.



REFERÊNCIAS

ASAD, Talal. The construction of religion as an anthropological category. In: ASAD, Talal. *Genealogies of religion: discipline and reasons of power in Christianity and Islam*. Baltimore and London: The Johns Hopkins University Press, 1993, p. 27-54. Tradução: REINHARDT, Bruno; DULLO, Eduardo A construção da religião como uma categoria antropológica. Cadernos de campo, São Paulo, n. 19, p. 263-284, 2010.

BELLOTTI, Karina Kosicki. História das religiões: conceitos e debates na Era Contemporânea. In. *História: Questões & Debates*, Curitiba, n. 55, p. 13-42, jul./dez. 2011. Editora UFPR.

CRUZ, Eduardo R. Estatuto epistemológico da Ciência da Religião. In. PASSOS, J. D; USASRKI, F. (Org.) *Compêndio de Ciência da Religião*. São Paulo. Paulinas/Paulus. 2013, p. 37-49.

DAVIDSON, Hilda Ellis. *Deuses e mitos no Norte da Europa*; tradução de Marcos Malvezzi Leal. São Paulo: Madras, 2004.

DIX, Steffen. *O que significa o estudo das religiões: uma ciência monolítica ou interdisciplinar?* Working Papers. Instituto de Ciências Sociais (Universidade de Lisboa), 2007, p.2-28.

FILORAMO, Giovanni; PRANDI, Carlo. *As Ciências das Religiões*. São Paulo: Paulus, 1999, p. 253-275/282-284.

FRANCO JR. Hilário. *As cruzadas*. São Paulo: Editora Brasiliense. 6ª edição. 1989.

FUNARI, Pedro Paulo (org.). *As religiões que o mundo esqueceu*. São Paulo: Editora Contexto, 2009, PP. 131-144.

HANEGRAAFF, Wouter J. Defining religion in spite of History. In: PLATVOET, Jan G. (Org.); MOLENDIJK, Arie L. (Org.). *The pragmatics of defining religion: contexts, concepts and contests*. Leiden: Brill, 1999, p. 337-378. (Tradução de Fábio L. Stern).

HOCK, Klauss. O que é religião? In: *Introdução à Ciência da Religião*. SP: Loyola, 2010, p.17-30.

KEEGAN, John. *Uma história da Guerra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

LANGER, Johnni. Org. *Dicionário de mitologia nórdica: mitos e ritos*. São Paulo: Hedra, 2015a.

LANGER, Johnni. Vikings. In. FUNARI, Pedro Paulo (org.). *As religiões que o mundo esqueceu*. São Paulo: Editora Contexto, 2009, PP. 131-144.

LANGER, Johnni. Uma breve historiografia dos estudos brasileiros de religião nórdica medieval. In. *Revista Horizonte*, Belo Horizonte, v. 14, n. 43, p. 909-936, jul/set. 2016a.

LANGER, Johnni. A Religião Nórdica Antiga: conceitos e métodos de pesquisa. In. *Revista REVER*. Ano 16. Nº 02. Mai/Ago 2016b.



LANGER, Johnni. O conto de Völsi: Aspectos do paganismo na Era Viking. In. *Fé Nórdica: Mito e Religião na Escandinávia Medieval*. João Pessoa-PB: Editora da UFPB, 2015b.

LEENHARD, Jacques. Caminhos teóricos para o estudo das religiões. In. *Revista Brasileira de História das Religiões*. ANPUH, ano V, n.14, setembro 2012.

TORRES- LONDOÑO, Fernando. In: PASSOS, J. D; USASRKI, F. (Org.) *Compêndio de Ciência da Religião*. São Paulo. Paulinas/Paulus. 2013, p. 217-229.

LOYN, Henry R. (org.) *Dicionário da Idade Média*. Tradução, Álvaro Cabral; revisão técnica, Hilário Franco Júnior. — Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997: il.

MIRANDA, Pablo Gomes de. *Guerra e identidade: um estudo da marcialidade no Heimskringla*. Dissertação (Mestrado em História e Espaços), UFRN, Rio Grande do Norte 2014.

PETTAZZONI, Raffaele. II Metodo Comparativo. *Numen*, Vol.6, n. 1, 1959, pp. 1-14. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/3269510>>. Acesso em 15 de jun. de 2016.

PETERS, José Leandro. A História das Religiões no contexto da História Cultural. In. *Faces de Clio*, Juiz de Fora, v. 1, n. 1, 2015, p. 87-104.

PRICE, Neil S. *The Viking way: religion and war in late Iron Age Scandinavia*. Uppsala, Uppsala University Press, 2002.

SILVA, Eliane Moura da. Entre religião, cultura e história: a escola italiana das religiões. In. *Revista de Ciências Humanas*, Viçosa, v. 11, n.2, p. 225-234. Jul/dez. 2011.

USARSKI, Frank. História da Ciência da Religião. In: PASSOS, J. D; USASRKI, F. (Org.) *Compêndio de Ciência da Religião*. São Paulo. Paulinas/Paulus. 2013, p. 51-61.